Celebu #49

junho de 2010

editorial

49

Na verdade, esta é ainda a continuação de aniversário com alguns elementos que são comuns a uma edição regular do Elefante Bu. Admito que tenho um pequeno problema em disciplinar meus horários quando existem tarefas múltiplas a realizar. Aliás, “pequeno” é muita bondade de minha parte. Sou uma baita enrolada que funciona na pressão dos prazos e deadlines. Ao meu favor, digo que precisei de um tempo a mais para mergulhar em certos universos televisivos a fim de tirar algumas conclusões. Também eu li uma matéria em algum lugar da internet que essa falta de foco é um problema de geração que cresce informatizada e não consegue se concentrar em uma coisa só por muito tempo. Ou seja, a culpa é minha e não é ao mesmo tempo. E digo isso porque é um belo consolo.

Enfim, a edição está aí cheia de informações. Começa com Sérgio Britto em uma entrevista que me surpreendeu. Ele é ótimo, um grande profissional que sabe ser elegante até nas críticas que faz. A sugestão para falar com o Sérgio Britto veio do leitor, o Fulvio Loreto, que fez pressão a favor da entrevista. Hoje, sou grata a ele por ter me empurrado em direção a uma das melhores entrevistas feita para o Elebu. Outro papo acima das expectativas foi com o Sérgio... o Martins, que fundou a gravadora Lab 344. Além de ter uma história incrível, ele ainda ensina muita coisa sobre a labuta que é lançar discos. Não há glamour, só muita ralação. Ao desmistificar esse lado da indústria fonográfica, Sérgio Martins ajuda a desmontar visões infantis e distorcidas que muitos têm em relação a selos e gravadoras.

O ziniando ainda traz Jackie Cruz e Superguidis. Ela é uma cantora que se jogou no mercado há pouquíssimo tempo, tem um programa de TV como suporte e pode vir a ser a próxima de sangue latino a ganhar destaque nos Estados Unidos. Quem a apresenta é Izabella Peregrino, em mais uma contribuição internacional. Já a Superguidis veio pelas mãos de Cristiano Bastos. Não é a entrevista completa que ele trouxe ao Elebu, mas ficou bacana mesmo assim. Essa edição traz ainda a estreia de Rodrigo Daca como colunista em *Mundo Novo.* Ele vai trazer novidades da cena musical catarinense e tudo mais que encontrar por aí.

Ainda tem as resenhas e textos que são normais ao Elebu. Num especial foi o de Glee, a série musical que virou febre. Eu mergulhei fundo nesse universo e descobri coisas bem interessantes: peculiaridades mais sutis que fazem da série um sucesso absoluto. Descobri um monte de informações que não valem ser mencionadas num texto, mas que estão envolvidas. Quem quiser ficar por dentro, a dica é visitar o fórum oficial, em inglês. E teve o final de Lost. Após o especial publicado no Elebu de março, nada mais justo do que uma conclusão.

É isso, divirta-se e até agosto!

produção e visual

Djenane Arraes

capa

Silmara Sciuffa

textos

Djenane Arraes

Izabella Peregrino

Rúbia Cunha

Rodrigo Daca

Cristiano Bastos

thanx

Sérgio Britto

Sérgio Martins

Fulvio Loreto

Jackie Cruz

onde

@elefantebu

issuu.com/elefantebu

elefantebu.blogspot.com

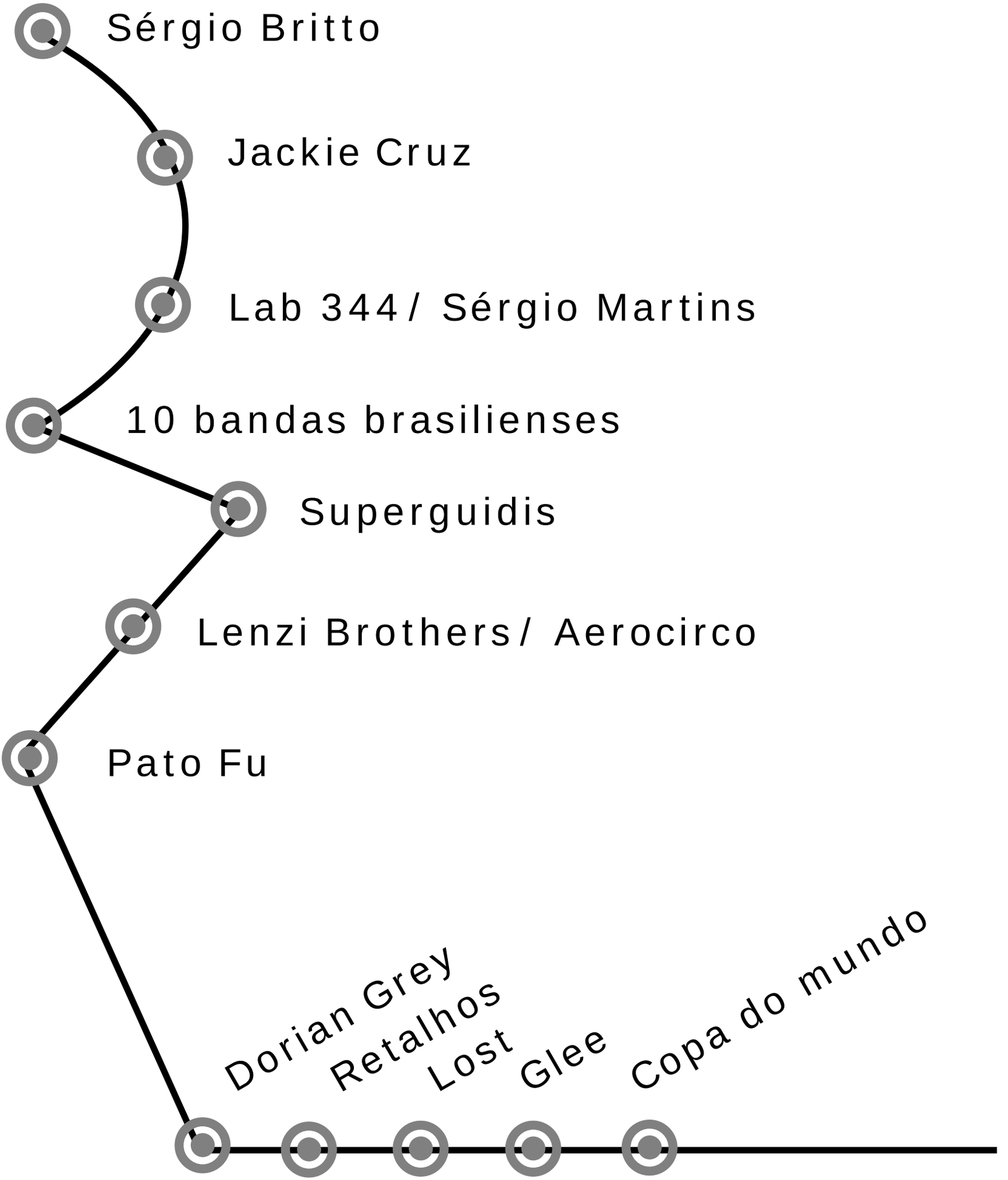
sonoras

Dianna Agron (Glee) - *It’s a man’s man’s man’s world*

Pato Fu - *Live And Let Die*

Mandy Moore - *Fern Dell*

Elvis Costello - *I Want You*


Sérgio Britto
Jackie Cruz
Lab 344/ Sérgio Martins
10 bandas brasilienses
Superguidis
Lenzi Brothers/ Aerocirco
Pato Fu
Dorian Grey
Retalhos
Lost
Glee
Copa do mundo

homem de perspe

Sérgio Brito é músico de grande versatilidade. Ele soa autêntico quando berra o refrão de Polícia, quando pula e canta Homem Primata com toda potência de seus pulmões, e quando toca notas delicadas no teclado para a introspectiva Epitáfio. Mesmo com toda a gama de ritmos dentro do pop/rock que os Titãs abraça, Britto ainda arruma tempo para exercitar sua brasilidade nos trabalhos solos que lançou. Tem dois na carreira e com um terceiro chegando por aí. Na conversa com o Elefante Bu, o compositor mostrou também grande profissionalismo até para falar de assuntos polêmicos. Não obscurece opiniões e, ao mesmo tempo, sabe que não é preciso atacar ninguém para se fazer ouvido. Características de um artistas sensato e inteligente.

por Djenane Arraes

Silmara Sciuffa.

Elefante Bu – Dizem que a música A Melhor Banda Dos Últimos Tempos da Última Semana foi uma "homenagem" ao jornalista Lúcio Ribeiro. É verdade?

Sérgio Britto – Não, imagina. A música é um comentário sobre algo que está no ar há muito tempo: de que existe a postura de certas pessoas em achar que qualquer coisa que se faça fora do Brasil é muito melhor do que aquilo que fazemos, ou do que somos capazes. Acho até que a música fala de mais coisas do que isso. É uma brincadeira com a fama, com o sucesso imediato, do que isso tem de substância ou não. É uma música muito mais rica do que isso que não tinha pensado sequer em jornalistas, quanto mais num específico.

Elebu – Então você nunca teve problemas com a crítica?

Sérgio Britto – Não! O único problema que vejo é da crítica ser muito ruim em geral. A crítica de música no Brasil é muito ruim. Mas, *A Melhor Banda*... não foi pensada desta maneira. É um comentário um pouco mais amplo. Só isso. Claro que também inclui esse tipo de jornalista que faz crítica leviana, que não valoriza nada do que é feito aqui. Faz parte da temática da música, mas não é a única questão.

Elebu – Acha que o problema maior está na falta de um entendimento da evolução natural dentro de uma banda? Ela evolui, o som se modifica, mas não é bem absorvido?

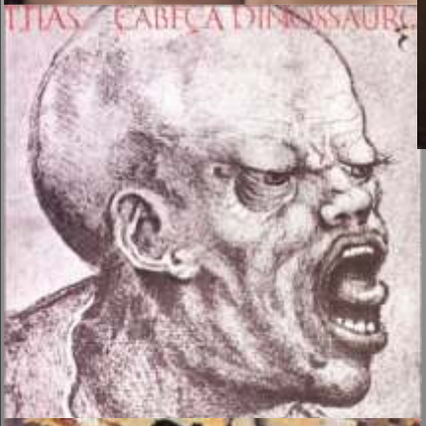
Sérgio Britto – Acho que isso é uma coisa que acontece com qualquer artista depois que se forma um público ou quando as pessoas fazem uma avaliação crítica do seu trabalho. Elas tendem a escolher as coisas que gostam e não gostam do que você fez. Enfim, querem que você se repita na verdade. Na maioria das vezes, os artistas não querem fazer isso.

Elebu – Então qual é o problema? O que faz a crítica ser ruim?

Sérgio Britto – Acho que é um pouco de pré-julgamento. Jornalistas, em geral, costumam fazer uma matéria sobre um disco com uma ideia pré-concebida sobre o que eles acham da pessoa, do trabalho, do que acham o que deve ser a música e deixam de se concentrar na obra em si. Perde-se muito poder analítico e acaba por resultar algo pobre. Esse é um dos vícios que a crítica brasileira de música tem. Se você não julga o artista por aquilo que ele se propõe a fazer, fica muito difícil ver alguma virtude ali.

Elebu – Titãs é uma banda que nunca deixaram de se manifestar politicamente, Acho que é uma característica que falta hoje. As pessoas parecem ter medo de se posicionar publicamente. Preferem se limitar às críticas sociais, que ao meu ver, são mais fáceis ou não tão comprometedoras. Essa postura tem muito a ver de você ser um dos principais compositores da banda e de ser filho de deputado que sofreu com o exílio?

Sérgio Britto – A gente se manifesta, até porque isso faz parte desse jogo com a mídia e com a imprensa. É também uma maneira de se dar satisfação para as pessoas que gostam do seu trabalho. Sempre brincamos com essas coisas, com os comentários. A gente até se diverte com isso às vezes. Mas essa temática social está bem presente nosso trabalho e acho que vem um pouco da nossa geração que vivenciou o fim da ditadura e se tinha vontade de falar sobre temas assim. É algo que contribuiu. Conseguimos fazer umas boas músicas a respeito que ajudaram a nossa carreira. Claro que não é algo exclusivo da nossa geração. Alguns artistas



até se identificam mais com ela.

Elebu – Você está preparando mais um disco solo. Como está a produção dele?

Sérgio Britto – Estou com o disco gravado há um bom tempo. Já tinha uma parte dele gravada antes dos Titãs começar a gravar o *Sacos Plásticos*. Agora estou à espera da ocasião propícia para lançar, de um acordo bacana com alguém para licenciar o disco.

Para falar a verdade, até passei do tempo de lançar. É uma coisa que já gostaria de ter feito porque esse processo de composição faz parte um pouco da minha dinâmica de gravar, de registrar, de lançar e de mostrar a música para as pessoas. Até para ter o estímulo de continuar trabalhando e descobrindo outras coisas. Estou na eminência de fazer isso: apenas arrumando um jeito porque não quero me precipitar

para fazer de qualquer maneira. Não quero jogar esse disco ao mar.

Elebu – É possível adiantar um pouco do que vem por aí?

Sérgio Britto – Esse meu terceiro disco veio quando tive vontade de fazer canções que tivessem sonoridade própria. Sempre achei bacana ter um ingrediente de brasilidade na música, até mesmo no trabalho dos Titãs. Não é a toa que o disco que mais gosto da banda é *Ô Blésq Blom*. Agora, não é fácil chegar a isso. Acho que me dei esse tempo para chegar a uma sonoridade que pudesse classificar de "minha". Acho que nesse disco eu consegui. Gravei uma boa parte com violão de nylon. Há canções que são mais elaboradas harmonicamente: vão da bossa-nova ao pop. Para quem acompanha o meu trabalho de perto, talvez isso não seja um choque porque tem músicas nos meus primeiros discos com essa cara. Mas para quem não conhece, acho que talvez seja algo bem diferente do que os Titãs fazem. Pela primeira vez eu posso dizer isso. São músicas que não caberiam nos discos dos Titãs e isso foi uma procura minha até.

Elebu – Essa diferenciação também é uma forma de procurar, de certa forma, uma libertação do trabalho que normalmente é feito na banda?

Sérgio Britto – Acho que isso é a conseqüência de um trabalho. Os Titãs já fizeram tantas coisas nesse terreno do pop: música melódica, ao piano, músicas mais porradas... são coisas que fazem parte do universo da banda. Então essa procura por uma identidade me levou a isso. Não foi uma vontade de me libertar do grupo. Foi uma procura estética, que me agradasse e que as pessoas pudessem dizer: Ah, isso aqui é o Sérgio Britto, não é os titãs.

Elebu – Vi que na sua página oficial há muitos desenhos legais. E fala aqui uma apreciadora de quadrinhos. Você sempre desenhou?

Sérgio Britto – A única faculdade que quase acabei foi a de Artes Plásticas. Sempre gostei de desenhar e queria até trabalhar como artista plástico, tanto é que alivio essa frustração fazendo as capas dos Titãs. Essa última fui eu que fiz, a do *Cabeça* [*Dinossauro*] fui eu também. Tem vários projetos gráficos meus nos Titãs... enfim.

Elebu – E nunca pensou em levar os

desenhos e esses trabalhos a um público maior? Em uma exposição talvez, ou publicar um livro?

Sérgio Britto – Acho que não. Isso é uma coisa que acabou virando um hobby. Faço sim as capas dos discos, mas os desenhos são mais hobbys. Tenho até um pouco de receio porque vejo que há muitos artistas, especialmente músicos e cantores da música pop, que acham que podem fazer qualquer coisa. Até por ter público para isso. Qualquer coisa que você fizer, gera uma curiosidade e tem grande exposição. Fico com receio de fazer algo só para a minha própria satisfação e que não tenha outro interesse a não ser esse. Também por causa desse lance da internet: você vê que coloquei os desenhos ali, falo das capas que fiz... isso tudo é uma maneira de dar vazão e eu pretendo continuar fazendo dessa maneira. Agora quanto a fazer livro e coisas assim não faz parte dos meus planos.

Elebu – Isso me lembra o Arnaldo Antunes, que tem esse lado poeta e dialoga muito com a parte gráfica, com a poesia concreta. Você costuma conversar com ele sobre o assunto? Trocar impressões com ele?

Sérgio Britto – O Arnaldo, por causa da poesia visual, desenvolveu um olhar diferenciado, de ver a relação de palavras, grafemas e pintura. E ele resolveu isso da maneira dele. Mas é uma maneira bem diferente da minha, que é coisa mais de artista plástico mesmo, de lidar com o material, de fazer desenhos, de pensar em formas. É outra maneira de pensar. O Arnaldo é uma pessoa muito aberta. Ele sempre trabalhou com essas coisas desde que o conheço: essa coisa de fazer poesia, de montar livro, de publicar, de fazer esse giro por todas essas mídias.

Elebu – Há algum outro lado artístico seu que as pessoas não conheçam?

Sérgio Britto – Esse meu trabalho solo, que estou fazendo agora, é uma coisa que poucas pessoas conhecem. É um trabalho de compositor, mas com diferenças: tem músicas instrumentais e outras um pouco mais elaboradas do ponto de vista harmônico e melódico. Acho que para algumas pessoas isso seria uma surpresa. São coisas diferentes do que músicas pop de linha mais melódica que tocam em rádio. Isso tem outra cara que vai surpreender algumas pessoas: só não sei se positivamente ou negativamente. Fora isso, não tem mais nada que eu faça. Tenho esses dois interesses e só. Trabalho bastante, tanto é que você vê que fiz o disco dos Titãs e o meu praticamente ao mesmo tempo. Na verdade, compus o suficiente para fazer um disco duplo. Eu realmente gosto de compor e quando não estou fazendo isso, estou desenhando ou fazendo coisas normais, como qualquer um. Não faço filmes, não ou ator.

Elebu – Esse cuidado especial com a harmonia tem muito a ver de você gostar também de música clássica? Você levou essas influências para o seu trabalho?

Sérgio Britto – Comecei tocando piano clássico, mas não sou um músico virtuoso. Sou um cara mais centrado na canção, que tem suas particularidades e complexidades. Resolver a melodia com a letra não é nada fácil e não é qualquer um que faz. Mas como estudei piano, e por causa disso um pouco de harmonia, desde cedo, desde os 14 anos e conheço e gosto de ouvir música clássica.

Elebu – O que te agrada mais na música brasileira de hoje? O que você gosta de escutar agora?

Sérgio Britto – Acho que muitas coisas interessantes na cena brasileira, mas chamo atenção para as cantoras que mudaram um pouco o perfil da música de alguns anos para cá. É verdade que sempre teve muitos lançamentos de cantoras, o Brasil tem uma forte tradição nisso. Mas agora essas cantoras se transformaram em autoras com perfil musical bem definido. Vejo isso com muitos bons olhos porque há diversidade no que elas fazem: cada uma tem uma personalidade, ao contrário do pop-rock onde tem muitas bandas

na mesma linha... pelo menos dessas que fazem sucesso. Não vejo isso nas cantoras. Veja, por exemplo, a Tiê, que faz uma coisa despojada, quase uma folk song com violão acústico, um pianinho aqui. Tem a Céu, que é mais eletrônica e elaborada, que usa outros elementos. A própria Fernanda Takai é também uma prova disso pelo trabalho solo e o da banda. Ela está produzindo com a mesma intensidade, faz shows e mostra que uma coisa não atrapalha a outra. É algo que acho muito legal e diferente.

Elebu – Há alguma dessas cantoras com quem você gostaria de trabalhar?

Sérgio Britto – Eu tenho é uma coisa concreta. Chamei duas cantoras para participar do meu disco: Uma já gravou que é a Marina de La Riva, e a outra é a Wanderléia [até o momento da entrevista, ela ainda não tinha gravado com Britto]. Eu conheci a Wanderléia faz um tempo, talvez um ano e meio, quando participei de um show dela num SESC do interior. Conversei muito com ela, gostei muito, e resolvi convidá-la. Uma coisa que sinto falta para compositores que tenham essa possibilidade é de fazer músicas para intérpretes. Na época onde as cantoras eram mais cantoras e menos compositoras, isso acontecia muito. Não é algo que aconteça comigo e tenho até certa inveja de quem faz. Também gostaria de trabalhar um pouco mais sob encomenda, acho bacana falar de coisas que fogem do seu comum.

Elebu – Agora veio a cabeça o Nando Reis, que teve muitas de suas músicas gravadas por cantoras.

Sérgio Britto – O Nando faz bastante isso mesmo.

Elebu – Acho que a Cássia Eller foi aquela que melhor traduziu as músicas dele, inclusive. As letras encontraram quase a perfeição na voz dela.

Sérgio Britto – No caso deles, as coisas foram um pouco diferentes. Na verdade, eles se juntaram para fazer um projeto dela e rolou uma grande afinidade, assim como também rolou com a Marisa [Monte]. Mas o Nando é um bom exemplo do que estou falando. Ele fez coisas muito legais que talvez não tivessem acontecido fora dessa relação.

Elebu – Uma curiosidade: você já foi confundido em entrevistas com o ator Sérgio Brito?

Sérgio Britto – Não em entrevistas, mas teve uma vez que quiseram me contratar para um evento. Era uma coisa tão estranha que tive de falar com a pessoa que estava trabalhando no evento: “Tem certeza que não é o ator que eles querem?”. Era uma apresentação junto com o Raul Cortez. Daí pensei que havia algo errado.

novi bo

Jackie Cruz chega ao mercado como uma boa promessa da música pop. Latina de origem - suas feições não negam - ela é a mais recente de uma linha de cantoras que começou a partir de Selena e que hoje ocupa uma fatia expressiva na cultura estadunidense.

por Izabella Peregrino

dade p

Sol, calor, coqueiros, bronzeado e gingado no caminhar são algumas das características intrínsecas aos povos latinos. Seja por meio da música, da dança, da voz ou até mesmo da língua – espanhol ou português – a magia e a sedução que cercam a latinidade conquistam cada vez mais os moradores do hemisfério norte. Os Estados Unidos foi um dos primeiros países a se relacionar com o batuque tropical. Começou ainda na época da ocupação americana em Cuba, antes da revolução de Fidel Castro. A salsa e o merengue logo se misturaram com o jazz. Algumas décadas se passaram de Célia Cruz para o sucesso de uma meio-americana-meio-mexicana Selena. Porém, nos quinze anos que se seguiram da morte (brutal, diga-se de passagem) da cantora norte-americana, muitos descendentes alcançaram algum sucesso na indústria fonográfica. E uma vez conhecidos no país do Tio Sam, o mundo é logo ali na esquina.

Jackie Cruz ainda não é um nome conhecido no Brasil, mas a cantora nascida no Queens, em Nova York, e criada na República Dominicana, começa a conquistar espaço em território estadunidense. Com 22 anos de idade, Jackie aproveita o atual mercado generoso para os latinos para lançar carreira. “Sem dúvidas cantoras como Jennifer Lopes, Christina Aguilera e Selena contribuíram para uma aceitação maior dos artistas latinos”, afirma. Embora Shakira seja de fato colombiana, seu grande sucesso nos Estados Unidos é mais uma prova de que o mercado está mais flexível. “A aceitação dela aqui foi incrível. A maneira como ela mostrou suas influencias latinas foi maravilhosa e as pessoas gostaram, mesmo ela sendo uma grande artista nos países da América Latina”.

O que todas essas cantoras têm em comum? Amor pela música e pela arte e persistência para furar uma barreira. Jackie Cruz não é diferente. A jovem descobriu sua vocação aos 16 anos no coral da escola. No ano seguinte sofreu um acidente de carro sério em que ficou em coma e quase perdeu a voz. Sorte, destino, ou milagre, ela precisou reaprender a fazer muitas coisas, no entanto, persistiu e depois de superar o susto – e passar por empresários e pessoas desonestas no mundo da música –, Jackie lança seu primeiro EP na loja do iTunes e seu site (www.JackieCruz.com) no início deste mês, bem como um vídeo-clipe. Ela também canta em um reality show chamado Kourtney and Khloé Take Miami, que estreou a segunda temporada em junho no E!. Ao contrário de muitos cantores que são, na verdade, intérpretes, Jackie Cruz faz questão de participar do processo criativo de suas canções. “Eu escrevi ou co-escrevi todas as minhas músicas. Acredito que é importante fazer parte da composição das letras, compor é a forma como as pessoas passam a conhecer quem você é”.

Apesar de possuir um look sensual, Jackie se vê como uma garota simples, até certo ponto desajeitada e nerd. Ela não nega sua latinidade, mas confessa gostar de cantoras com uma pegada blues, como Fiona Apple, Tracy Chapman, Billie Holiday e Sade. E se você pensa que Jackie Cruz é dessas artistas sem conteúdo, está enganado. A jovem tocou saxofone por dez anos na banda marcial da escola, ajudava um hospital na República Dominicana, deseja cantar em inglês, espanhol, francês e um dia poder ajudar seu segundo país, a terra de sua família, lugar de suas raízes. “Eu vi muito sofrimento onde cresci. Quando se vive em um país do terceiro mundo, você vê muito disso. Não tem dinheiro suficiente para todos. No Natal, eu e minha família levávamos presentes para as crianças hospitalizadas, cujas famílias não tinham dinheiro para presenteá-las. Saía chorando, mas aprendi a valorizar a vida e ser muito grata por tudo o que tenho”.

Em um país de tanta liberdade, é um tanto contraditória a política de imigração dos Estados Unidos em comparação com a grande aceitação dos latinos pela mídia e pela indústria do entretenimento. Resta saber qual irá se sobressair: a xenofobia com os imigrantes mexicanos, cubanos e até mesmo brasileiros que buscam na terra prometida uma vida melhor e o american way of life, ou a valorização de diversas culturas e liberdade de expressão, algo que é tão defendido pelos norte-americanos? Esperamos que seja a segunda opção, pois quando se trata de arte e cultura a humanidade tem muito a ganhar. Quanto a Jackie Cruz, que ela consiga realizar seus sonhos e contribua para um Estados Unidos mais tolerante.

LAB
344

Sérgio Martins deixou os aviões da American Airlines para pilotar a Lab 344, um dos selos mais interessantes que atua no mercado brasileiro

Djenane Arraes

O título desta matéria bem que poderia ser “A Incrível História de Sérgio Martins”, por causa da história de vida inacreditável do proprietário do selo Lab 344. Quando adolescente, gostava de compor, tinha sua banda de garagem e queria ser um rock star. Mas entre o sonho de menino e a atual realidade à frente de um selo de música, Sérgio trabalhou muito tempo como funcionário da American Airlines fazendo check-in.

No ofício, conheceu muita gente da música e até chegou a facilitar certos serviços para ver se conseguia uma chance na indústria fonográfica. “Você não imagina quantas portas na cara eu levei dessas pessoas”. Nem mesmo certas facilidades que prestava como funcionário de uma grande empresa aérea eram recompensadas com um pouco de atenção por alguns dos cartolas da música.

Sérgio desistiu do sonho de ser uma estrela do rock, mas não da música. No gasto da sola de sapato entre uma gravadora e outra, reconheceu algumas oportunidades de negócios que poderia explorar. Ele não pisaria no palco, era verdade, mas estaria trabalhando por aquilo que acreditava: música de qualidade. Assim nasceu a Lab 344, selo responsável por colocar no mercado brasileiro títulos internacionais e algumas obras raras.

Ele bateu um longo papo comigo e deu uma aula imperdível sobre aspectos do mercado fonográfico que poucos prestam atenção. O trabalho de Sérgio também joga humanidade dentro de uma indústria vista como sanguessuga da arte alheia. Não é bem assim. Há muito suor correndo no rosto de quem está à frente dos selos e das gravadoras.

pronto para decolar

Elebu – Como surgiu a Lab 344 e qual a linha do selo?

Sérgio Martins – A ideia é lançar exatamente o que a gente gosta. Criei a Lab tem mais ou menos quatro anos. Inicialmente, o trabalho era de exploração internacional. Nós atuávamos representando o catálogo de outras gravadoras como a Deckdisc, a Jane Music (que era uma gravadora independente da Jane Duboc), a Som Livre. Enfim, a gente licenciava os produtores deles para gravadoras do exterior. No início, eu intermediava os negócios, criava oportunidades para outros artistas em territórios nunca explorados, como Cingapura, Coréia do Sul, muitos países europeus como polônia, Escandinávia, enfim, a gente lançava discos de artistas diversos nesses mercados. Nós licenciamos, via Deckdisc, o disco da Pitty em Portugal, na Espanha e no Japão. Nesses anos de Lab, foram mais de mil contratos assinados.

Elebu – A gente ouve falar muito na aceitação da música brasileira em mercados como o japonês e até na Europa, mas Cingapura? Há boa aceitação da nossa música por lá?

Sérgio Martins – São mercados que poucas empresas haviam explorado. Lembro que entrar na China foi uma complicação por causa das barreiras. Mas, em 2005, conseguimos licenciar um disco da Jane Duboc, *Sweet Lady Jane* – que era belíssimo com participação do Ivan Lins onde ela cantava versões da bossa em inglês – na China. Outro que conseguimos lançar na China foi da Ana de Holanda, que é irmã do Chico Buarque. Aí o trabalho cresceu. Fui às feiras internacionais de música da França onde passei a conhecer mais empresas interessadas em música brasileira e entrei em contato com selos independentes, porque sempre fui muito fã de rock. Descobri que muitos dos produtos não tinham distribuição no Brasil e no resto da América do Sul. Em 2007, tinha licenciado muitos produtos no exterior e estava montando uma base bacana de contatos. Havia conseguido trazer algumas coisas, mas como não tinha estrutura financeira e nem física para lançar pelo selo, pegava, por exemplo, o primeiro disco Jamie Cullum, que é um cantor de jazz super conhecido lá fora, e licenciei para a Deckdisc. Comecei a gostar desse serviço, mas em vez fazê-lo para terceiros, iria trazê-los para a Lab. No final de 2008, consegui pegar uma licença de discos da Lisa Stanfield e da Stacey Kent. Calhou da gente dar uma puta sorte e pegar a licença do *The Greatest Hits,* do Simply Red. Lançamos ele no Brasil com distribuição pela Som Livre em janeiro de 2009. Esse foi o segundo disco internacional mais vendido de 2009, atrás da Beyoncé.

Elebu – Incrível como o mercado reage de formas diferentes a cada artista. Eu nunca pensei no Simply Red como um campeão de vendas. Penso que deva ser um fenômeno brasileiro reabilitar alguns caras.

Sérgio Martins – Depende muito do território. Na Europa, o Simply Red vende muito. Nos Estados Unidos, ele é mediano e fez sucesso nos anos [19]80. Foi quando percebi que essas bandas dos anos 80 vendiam muito, até porque o público deles é aquele que ainda consome disco. Ano passado, pegamos uma série de produtos: Lemonheads, o próprio A-Ha, a Cat Power, o Sonic Yorth. Assim, a gente foi também direcionando o trabalho da Lab para o pop/rock e também com um pouco de soul. Eu só lanço o que gosto. Não teria condições de trabalhar com produtos de grande apelo mercadológico só por causa da receita que geram, até porque não me vejo assim. Não conseguiria nem trabalhar em cima desses discos de padre, de axé, de sertanejo. Sem falar que estaria sendo hipócrita: como lidaria com artistas por quem não tenho simpatia musical? É verdade que vou deixar de ganhar uma grana, mas acho que essa não é a nossa missão aqui na Terra.

Elebu – Eu tenho a política de não falar e não publicar comentários sobre o que não tenho afinidade. É por isso que não falo de hardcore ou de rap no meu zine.

Sérgio Martins – Se as grandes gravadoras pensassem dessa maneira, acredito que o mercado da música não estaria tão depreciado. Acho que o ideal seria se tivéssemos uma gravadora mais focada num estilo, sabe? Veja o exemplo dos selos gospel: eles geram muita receita porque trabalham só com esse tipo de produto e vai em cima de um público direcionado. Acredito que o mercado seria mais acessível e as pessoas ficariam mais confortáveis em consumir. Mas hoje o que se vê é um mercado muito ruim para essas empresas que já vem do período áureo da música. Eu nunca peguei isso, não conheço essa realidade, comecei a trabalhar com música de 2002 para 2003. Acredito que hoje você trabalhe muito mais para vender.

Elebu – Há muita facilidade em se obter música de graça que não necessariamente pelo CD pirata.

Sérgio Martins - Estava alimentando o twitter da Lab quando o Rodrigo Levino, do Glamurama, colocou o link para as pessoas baixarem o novo disco do LCD Soundsystem, que ainda não estava nas lojas. Acho até válido. Quando você não está na loja, coloca um disco e gosta, não vai comprar? Na internet é a mesma coisa. O problema é que o brasileiro não se condicionou a isso.

Elebu – E o que você faz para sobreviver em um negócio que está decadente?

Sérgio Martins – Eu já entrei num mercado super

decadente. A minha saída é essa: quando licencio os produtos, eu pego os direitos para explorar na América do Sul. Lanço no Brasil e também na Argentina e no Chile.

Elebu – Chile e Argentina são mercados mais fortes nessa questão de vendas?

Sérgio Martins – Não são mercados tão fortes quanto o brasileiro, mas compensa. Por exemplo: se vendo 3 mil discos do A-Ha no Brasil, 1,5 mil na Argentina e 2 mil no Chile, quando faço a soma, o investimento compensa. No caso do Simply Red, a gente vendeu a beça aqui: fizemos 50 mil cópias. Argentina e Chile também tiveram boas vendagens. Foi um golaço. Tem a questão do digital, que ainda não é tão forte, mas conseguimos pegar um pouco daqui e acolá. E sempre há outros serviços a serem feitos, como licenciar sincronia de músicas para TV e a gente tem uma atuação bacana nesses meios. Nessa novela, Viver a Vida, a gente conseguiu, por pura sorte, colocar 14 fonogramas internacionais da Lab 344.

Elebu – Como isso funciona o licenciamento e a sincronização?

Sérgio Martins – Licenciamos uma música da Melanie C para uma novela do SBT. Eles pegam a música, que vira tema de um personagem. Geralmente, a emissora não paga os direitos ao detentor do fonograma no país. Acho que isso vem de um acordo deles com as grandes gravadoras, porque é uma maneira de divulgar o conteúdo, o que até concordo. Então licencio, eles incluem a música, a sincronizam dentro da novela, vira-se tema de personagem, lança-se a trilha sonora e as gravadoras recebem a percentagem das vendagens. Além disso, tem a execução pública que aquela sincronização gera. Nós somos associados da Abramus [Associação Brasileira de Música e Arte], que arrecada nossos direitos no país, e ao Ecad [Escritório Central de Arrecadação e Distribuição]. O Ecad paga a Abramus, que repassa para a Lab 344. É um percentual por amostragem, que não sei muito bem como se calcula isso. Então, todas as vezes que a música é executada, a Lab 344 tem uma remuneração. É como na rádio, mas a receita é menor. Quando você tem uma gravadora que atua também como editora, aí é melhor ainda. Nós temos o braço Lab 344 Publishing, e algumas obras são nossas aqui no Brasil.

Elebu – Você pode citar uma?

Sérgio Martins – O tema do Tiago Lacerda e da Thaís Araújo, em Viver a Vida, é uma balada belíssima do Trijntje Oosterhuis, que todos pensam ser do James Blunt. O Trinjtje é um artista dinamarquês super-talentoso. E nós, aproveitando o sucesso, vamos colocar o disco dele no mercado. Ganhamos em duas frentes: pelo fonograma e como editora.

Elebu – Você tem um disco favorito, um xodó, que você teve de lutar por ele?

Sérgio Martins – Eu tenho o disco do A-Ha [*Foot of The Mountain*]. Foi bem difícil pegar essa licença no ano passado porque eu, pequenininho, tive de disputá-lo com grandes gravadoras. Sempre fui fã deles, cresci ouvindo. Foi muito bom eles terem cedido a licença pra gente. A universal chegou a fabricar ilegalmente esse mesmo disco no ano passado, o que nos prejudicou um pouco, mas não acredito que tenham agido de má fé. Algumas cópias chegaram a ser vendidas antes de recolherem as peças que estavam sob o selo deles. Por causa disso, tivemos de adiar o lançamento para novembro.

Elebu – Mas depois, com a passagem do A-Ha pelo país, foi recompensador, não é verdade?

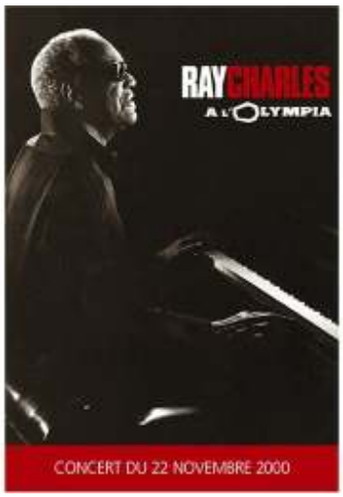
Sérgio Martins – É, porque as pessoas ainda procuram o disco. As vendas não são tão expressivas quanto as do Simply Red, mas tem saída e as lojas sempre solicitam reposição. Mas, poxa, esse é um trabalho que gosto muito e costumo dizer que ele está no meu iPod. E tem o da She & Him. Sempre fui apaixonado pela Zooey Deschanel. Quem nunca quis casar com essa mulher? É uma boa atriz e se você reparar no trabalho de compositora, vai ver o quanto é pessoal. Ela é muito perfeccionista e fez escolhas certas na carreira. Poderia ter seguido o caminho fácil de Hollywood. E a música está em primeiro lugar na carreira artística dela. Esse disco foi difícil pra gente pegar. Assinei o contrato em fevereiro deste ano, mas as negociações começaram em dezembro. Em janeiro, recebi a notícia que os dois [Zooey e M.Ward] haviam optado pela Lab por ser um selo menor e, por isso mesmo, poderia trabalhar melhor. Os representantes deles disseram: "Nós optamos porque o selo é você e temos certeza que vai trabalhar duro para recuperar esse investimento". Os caras foram diretos, e eu concordo com eles.

Elebu – Isso a gente percebe até mesmo no seu trato com a imprensa, de fazer o trabalho corpo-a-corpo com o pessoal. Eu trabalho com jornalismo cultural há um bom tempo e digo que não é todo dia que se tem a oportunidade de conversar com um diretor de gravadora, quanto mais com o dono dela.

Sérgio Martins – Adoro entrar em contato com as pessoas. Até tenho minha assessoria de imprensa em São Paulo. Tem a Márcia e a Ana, que chamo de "lab-letes", que me ajudam muito. Mas eu mesmo gosto de entrar em contato direto com alguns jornalistas. Acho que as pessoas gostam quando o cabeça do selo arregaça as mangas e corre atrás. Agora, também sou super-centralizador. Na questão internacional, principalmente.

Elebu – Houve mais alguma outra boa briga que você travou pela Lab 344?

Sérgio Martins – Lancei um disco do Ray Charles de um show que ele gravou em 2000, lá no Olympia, em Paris. Fiquei negociando essa licença por dois anos e só consegui tê-la em dezembro do ano passado. Esse disco é místico. O primeiro show que o Ray Charles e fez na Europa foi no Olympia em 1960. Quarenta anos depois, ele estava voltando para uma turnê que comemorava os 70 anos dele. Na época, aconteceu uma greve terrível dos controladores de vôo na Europa. Por causa disso, a banda do Ray Charles não conseguiu chegar em Paris. Ele desembarcou com dois músicos e algumas pessoas da equipe técnica. O resto da orquestra ficou em Lisboa. Isso com o show no dia seguinte para fazer. Mas o Ray não queria cancelar porque duas mil pessoas haviam comprado o ingresso. Então, comunicou aos promoters que o público teria um show do Ray Charles como trio. Foi o único dele assim registrado em DVD. Para mim, isso foi incrível. Tenho um momento histórico registrado na Lab. Uma empresa francesa tinha os direitos e eles não queriam me dar a licença por ser um projeto histórico e que o preço era muito alto. Chegamos a um preço



razoável e fiz parceria de distribuição com a Som Livre.

Elebu – E você pensa, num futuro próximo, começar a gravar também?

Sérgio Martins – No momento, não tenho interesse em entrar em estúdio com artistas nacionais, mas até o final do ano, pretendo lançar alguma coisa brasileira. Estava até tentando colocar no catálogo uma cantora conhecida, mas ainda estamos negociando. Quem sabe? Esse seria, realmente, o primeiro projeto de um artista brasileiro a ser trabalhado. Cheguei a lançar um disco da Cris Delanno. Nós fechamos uma parceria em 2004 com um selo japonês quando a Lab ainda nem existia. Somos os donos da máster, em parceria com essa empresa japonesa, e a deckdisc distribuiu. Até fiz uma marca da Lab 344 só para constar na arte, mas a empresa nem havia sido criada como selo. Depois, em 2005, lancei um disco do João Sabiá, que participou do Fama.

Elebu – Foi o mesmo que a Roberta Sá participou, não é verdade?

Sérgio Martins – Isso! O João Sabiá também fez novela. Há pouco tempo participou de uma "das seis" que não lembro o nome. É um cara talentoso. Mas lançou esse trabalho tímido logo no início do selo, quando a gente nem tinha ainda a manha com o mercado, achava que tudo era fácil, que todos eram muito simpáticos e que as rádios iriam tocar. As pessoas torceram o nariz porque ele saiu de um reality show, e a capa era muito feia. Mas o disco é interessante.

Elebu – Você tem área para design gráfico? Você modifica a arte quando vai trabalhar com o produto no Brasil?

Sérgio Martins – A gente mantém as capas e a arte, mas há alguns casos que a gente mexe. No She & Him mesmo, a gente teve de adaptar para o acrílico. Ele foi lançado em digpack no exterior, o que fica caro. Poderia até fazer, mas iria chegar às lojas a R$ 42. Não colocaria um disco a R$ 42 só por causa de uma embalagem. Ela é importada, só tem uma empresa que faz e cobra o olho da cara. Lançamos o disco do Lemonheads em digpack, mas foi antes do aumento da tabela desta empresa. O custo é R$ 7 por disco. Então nós adaptamos o da She & Him, aumentamos o book e mudamos algumas figuras lá dentro.

Elebu – Vejo que os discos lançados pela Lab 344 têm sempre uma faixa bônus. É uma exclusividade?

Sérgio Martins – A gente procura fazer com que as edições brasileiras sejam especiais de alguma forma. O da Melanie C vai ter três faixas bônus, o da Mandy Moore... você lembra dela?

Elebu – Sei quem é. Ela fez Saved!, que é um filme desses de adolescente que eu curto bastante.

Sérgio Martins – Esse! Tem aquele *Mamãe Quer Que Eu Case*, e alguns outros filmes de Hollywood que ela atuou como protagonista. Mas ela cresceu, amadureceu. Continua atuando no cinema, mas levando a música muito à sério. Esse disco [*Amanda Leigh*] representa uma virada na carreira musical dela. Foi inspirado em *RAM* do Paul McCartney. Quando peguei o disco, pensei: "Não vou lançar Miley Cyrus". Mas quando parei para ouvir, fiquei surpreso. Muito lindo, tem muita coisa atonal, ela canta pra caramba. Tem folk, tipo She & Him, só que mais encorpado, com umas viagens bem interessantes. Aqui sai com uma faixa bônus.

Elebu – Mas como você consegue essas faixas bônus?

Sérgio Martins – Eles sempre têm alguma. Geralmente ficam guardadas, ou então colocam em edições em vinil. Tem o Boy George vindo aí com a gente. O legal é que ele vai lançar primeiro aqui no Brasil. Só depois que vai chegar a Europa. Essa foi a condição para pegar a licença: de ter uma edição exclusiva para a América do Sul. E eles concederam. Bacana, né?

10 buenas bandas brasilienses

por Cristiano Bastos e colaboração de Alê dos Santos

WATSON

Desde os tempos em que se chamava “Watson e o Progresso da Ciência", a atual Watson é velha conhecida da cena brasiliense. São oito anos de vida. O primeiro e homônimo disco foi editado em maio pelo Senhor F Discos. Gravado em Porto Alegre, a esmerada produção do álbum é dos irmãos Gustavo e Thomas Dreher (Cachorro Grande, Júpiter Maçã). *Emtivi Apresenta* - cuja letra dá bem a real - é refresco para ouvidos judiados pelo irritante emocore, mas saudosos por rock.

the pro

CLUB SILÊNCIO

Após três anos de "barulho", o Club Silêncio, hoje em dia, está à caça de um novo som e de uma nova imagem. Calcada em teclados e sintetizadores, a sonoridade etérea da banda foi registrada em dois álbuns: Laissez-faire e Baladas Modernas. Ainda sem nome, mas previsto para este ano, agora o Club Silêncio encontra-se em estúdio gravando seu terceiro disco.

club silêncio

THE PRO

Nos últimos dois anos, a The Pro tem atraído olhares e captado ouvidos com a sua batida dance rock. O começo da banda, em 2005, foi mais roqueiro. Mas a atual busca é pelas nuances eletrônicas. Em Brasília, abriram o show do Franz Ferdinand. A música *Alfama* é semi-hit nas emissoras de rádio locais. A The Pro lançou três EP's: o último chama-se *Cowbell Edition*. O primeiro álbum está programado para 2010.

BETO SÓ

Beto Só pode não ser o artista brasiliense mais popular, porém, é o mais respeitado. Em 2005, o cantor e compositor debutou com o álbum *Lançando Sinais*, que foi sucedido por *Dias Mais Tranquilos* - ambos produzidos por Philippe Seabra. O terceiro disco, que deve sair em outubro, tem nome: *Ferro-Velho de Boas Intenções*.

beto só

GALINHA PRETA

Lançado este ano, *Ajuda Nós Aê!* é o quarto disco da punk Galinha Preta. Propositalmente tosco, o som é inclinado para o grindcore com bases eletrônicas. O vocalista Ricardo Gonzales, o popular e inquieto "Frango" é, também, um dos técnicos de som mais requisitados da cidade. Os shows da Galinha Preta sempre são muito elogiados, porém, a impagável estampa de seu frontman muitas vezes rouba a cena e arranca gargalhadas do público.

SUÍTE SUPER LUXO

Em 2004, a Suíte Super Luxo lançou seu primogênito e elogiado disco, *El Toro!*. Ainda em 2010, a banda pretende editar um single do novo álbum, o qual será lançado numa parceria entre os selos Rolla Pedra, Senhor F e Estúdio Orbis. "Será apenas um aperitivo do que está por vir", revela o guitarrista Lucq Albano. Com somente um disco, a Suíte Super Luxo é uma das bandas mais aclamadas de Brasília.

LUCY AND THE POPSONICS

A novidade da Lucy and the Popsonics é que, em 2010, vai virar "power trio". Além de Fernanda e Pil Popsonic, a banda, que é uma das mais ativas da capital federal, agora tem um baterista, Beto Cavani. A função era antes desempenhada pela eletrônica "Lucy". Produzido por John Ullhôa, o próximo álbum, adianta a vocalista Fernanda, vai se chamar *Irá se chamar Fred Astaire*.

TIRO WILLIAMS

Reunidos há três anos, o Tiro Williams se juntou após o guitarrista Eduardo "Bola" Oliveira ter assistido um show da Superguidis em Brasília. Eles, que se estipulam como "rock noventista", ficaram um ano se dedicando à busca de uma sonoridade própria. Em 2009, o que deveria ser apenas a sessão de gravação de um EP se transformou num álbum com dez músicas. O disco laçou a crítica e cavou brecha para shows do Tiro Williams fora da cidade.

tiro williams

SUPERQUADRA

2002 marcou o aparecimento de muitas bandas em Brasília. A Superquadra, que aposta no temário urbano e nos dissabores do amor, surgiu nessa leva. Embora o rock eletrônico da banda ainda não tenha conquistado muito espaço, mantém público cativo na cidade. O álbum de estreia da Superquadra, *Minimalismo Tropicalista*, foi lançado em 2006.

super stereo surf

SUPER STEREO SURF

A Super Stereo Surf apareceu momentos antes do estilo surf music "crawdear" a cena com dezenas de grupos instrumentais. Surfando nas ondas dropadas pelos californianos Beach Boys, em 2009 a banda gravou Antes do Baile, seu primeiro disco. Em Brasília abriram para CJ Ramone.

o que há de mais moderno

A superguidis lança terceiro disco e pmostra que continua firme na contramão do rock nacional ao continuar a investir em guitarras sólidas e letras que tenham algo a dizer. Confira a entrevista.

por Cristiano Bastos

Cristiano Bastos – O trecho de qual canção definiria o momento dos Superguidis no terceiro disco?

Andrio: Talvez "I'm still living the dream we had, for me it's not over" (eu ainda estou vivendo o sonho que tivemos, para mim não acabou), refrão de *Big Time*, do álbum *Broken Arrow*, Neil Young. Tá, vai a música toda! Sentimos que é o grande momento na carreira da banda.

Bastos – A banda mantém rara coerência como "operários" na construção do novo mercado da música independente. Qual segredo?

Andrio: Estamos trilhando um caminho, é verdade. Para nós, muito mais coerente do que esses pulos no abismo que muita galera dá. O problema todo é a afobação e a busca pelo "sucesso", nem que isso custe a integridade artística. Sobretudo falando de um "mainstream" tão imbecil quanto este nosso. Queremos o reconhecimento, sem dúvida, mas que ele venha com a consolidação de um trabalho autoral e de conteúdo.

Lucas: Nunca fomos deslumbrados com essa história de "ser banda grande". O foco sempre foi a música e o reconhecimento como consequência. Eu tô muito feliz com a situação que a nossa banda vive hoje, quer dizer, a gente andou boa parte do Brasil tocando e temos um puta reconhecimento pelo que fazemos. Sem contar o fato que fazer música vai ficando cada mais divertido à medida que a gente vai aprendendo umas coisas e se permite experimentar.

Bastos – O Lucas disse que "fazemos música para quem quer nos ouvir". Lógica inversa, pois a maioria compõe para os outros ouvirem.

Lucas: O lance é que a música tem que vir em primeiro lugar sempre! É para isso que se deve ter uma banda, ao menos para mim. O que eu quis dizer foi que eu não vou tentar "adivinhar" o que as pessoas querem ouvir ou tentar me "adaptar" a um certo público.. Nos interessa muito mais cativar quem quer nos entender do que tentar convencer as pessoas a nos aceitarem. Pode soar meio prepotente mas, na verdade, é o contrário. Eu tenho uma puta bronca com essa grande indústria fonográfica que fabrica ídolos e os empurra goela abaixo de um público tratado como idiota, incapaz de ter opinião própria. Dou um baita valor aos caras que vão atrás dos nossos discos no soulseek ou em qualquer lugar da internet.

Bastos – Sobre o que fala, exatamente, a canção "As Camisetas"?

Lucas: *As Camisetas* é sobre um pé na bunda que aconteceu na época em que a gente estava compondo o disco! Boa parte das minhas músicas no disco são sobre esse assunto. Também fiz músicas para o meu avô, como *O Véio Máximo* do primeiro disco e *Nova completa* do terceiro. Ele morreu meio que nos meus braços e, incrivelmente, começou a chover bem na hora. Por isso que a musica tem aquele refrão "quase" meloso (risos).

Bastos – Que nuances há entre o álbum novo e os anteriores?

Andrio: Eu vejo este como um conjunto de altos e baixos, dinâmico, diferente dos outros mais lineares. Tem coisa limpa e cristalina, seguida de uma podreira nunca antes executada por nós nos outros discos. Para mim é a principal diferença.

Lucas: Concordo. Esse disco foi feito pensando em ser um disco, saca? Os outros dois foram a união das músicas que a gente tinha feito até o dia de começar a gravar. Nesse, nós nos permitimos brincar de Pink Floyd e tentar moldar as músicas de acordo com a cara que queríamos dar ao disco. Para isso, foi essencial a pré-produção que fizemos em casa. Acho que nunca mais vamos gravar um disco sem fazer isso antes.

Bastos – Longe de serem "indies mimados de apartamento", os Guidis têm a cara da "juventude suburbana emergente". É mais legal que ser "cosmopolitano"?

Andrio: Wander Wildner disse, certo dia, que a parte guaibense da banda é o que a salva (risos). Ele se referia justamente a essas marrentices da capital, sobretudo Porto Alegre, tão careta e conservadora.

Lucas: Bom, eu não posso falar nada... Fui criado em Porto Alegre desde guri! (risos). Mas em minha defesa tive uma criação old school com patinete, carrinho de lomba e futebol no meio da rua. O andrio que é o cara do video-game e da bicicleta 18 marchas! (risos).

Bastos – Músicas como "Mais um dia de cão", "Espiral arco-íris", "Quando se é vidraça" e "Não fosse o bom humor" descrevem o cotidiano de vocês, mas também dizem sobre "condição social" e de como vêem o mundo: uma juventude pragmática e desideologizada...

Andrio: Talvez *Mais Um Dia de Cão* seja a nossa canção mais política, mas não no sentido panfletário. Isso, sim, é uma merda. Já tive banda assim, de botar o dedo na cara e fazer discurso, mas quando tinha 18 anos. A gente sempre procura ser o menos óbvio possível, porém, falando de coisas óbvias, que nos aproximam de quem nos ouve. Desafio hein... Até agora deu certo.

Bastos – Parte da crítica avaliou que, no segundo álbum, a banda cresceu rápido demais. E no terceiro, quão amadureceram?

Andrio: Eu vejo esse disco soando muito juvenil. Porra, as guitarras tão college rock noventão, em contraste com as letras, ainda existenciais, mas não bobas. Todo mundo faz aniversário e envelhece. E o que está faltando na música nacional são guitarras sujas. Só ouço galera com synth e sopros e sofisticaçõezinhas para encher linguiça.

fora de estoque

Foi lançado no último dia 25 de maio, o disco da banda catarinense Lenzi Brothers. Ouvi antes e gostei muito. Sou suspeito para falar dos irmãos Lenzi sem imparcialidade. Escrevo, então, a minha impressão do que acho ser a banda de rock mais consistente de Santa Catarina. Doze 12 anos de carreira, Power-trio onde todos cantas e são irmãos (mesmo). Uma comparação simplória nos levaria ao Cream ou ao Kings Of Leon, mas os Irmãos Lenzi são mais legais.

Descobri que quem escreve a maior parte das letras é o "titio" Marzio (não são todos que podem chamá-lo assim, então, não folgue), que ainda toca guitarra e canta a maior parte das canções. Buca, baixista, é a estilera (canta *Quero me Perder Por Aí*), e o baterista Matheus é o nosso Levon Helm (The Band), além de fazer os vocais.

O disco novo é cheio de hits e começa com a paulada *Você Desperdiçou* e, logo em seguida, *Danos.* Riffs e mais Riffs em *Me Ignora*. Se ainda tocasse rock nas rádios, por certo *Algo Mais*, *Quero Me Perder Por Aí* e *Bye Bye* estariam no top 10 de qualquer uma. Papo de Elevador, Calendário e Não me Leve a Sério estão entre as minhas favoritas pelo humor inteligente das letras e pela simplicidade das levadas.

É tão raro de se ver, hoje em dia, um disco simples, com identidade, cantado em português e cheio de riffs de rock, que a gente até duvida que isso aconteça. Mas tinha que ser coisa de família. Parabéns aos Lenzi, o trio mais gente fina e competente de SC.

A banda dos três irmãos de Santa Catarina lançou os álbuns *Grilo Verde* (2002), *Qualquer Cor* (2005) e *Trio* (2008). Este último, gerou ótimos frutos para a banda que girou com shows pelo Brasil em importantes Festivais como Mada (Natal-RN), além de ser vencedora de um reality show exibido pela MTV Brasil com Cachorro Grande.

invisivelmente

Veja lá, veja bem não tem como não dar razão à uma banda que atua como profissional em um meio (in)dependente. A vida é dura e o trabalho, árduo, mas uma hora meus caros, o reconhecimento chega se você faz a coisa direito. E é com *Invisivelmente* que vejo chegar a hora do Aerocirco. Quarto disco da banda e o primeiro com a formação consolidada com Maurício Peixoto e Rafael Lange, mostra que química numa banda, além do esforço, é essencial. Não que as outras formações não tivessem, mas quando converge ao ponto que se quer chegar, é um passo gigantesco que se dá. Mudar para outra cidade (São Paulo, SP) à essa altura do campeonato, é ter no mínimo um grande nível de confiança no trabalho e coragem, muita coragem.

Neste disco, qualquer comparação à outras bandas se faz desnecessária. Citar grandes nomes e rotular, eu realmente não vejo motivo. Só posso dizer que a sonoridade mistura música boa antiga com música boa atual. A preocupação com as letras também se faz notar, assim como a colaboração dos outros integrantes que deixa o conjunto mais conjunto, o time mais time.

Tenho minhas eleitas: a que dá nome ao disco *Invisivelmente*, com uma guitarra de 12 cordas e um clima sessentista, *Não Me Leve A Mal*, (lançada anteriormente como single) com violões, a batera carregada do Henrique e o baixo marcado do Lange, o piano em *O Resto Tanto Faz* e as letras bem sacadas de *A Pílula Certa* e *Amanhã* farão esse disco atingir ouvidos menos atentos aos discos anteriores e por certo ganharão novos e fiéis fãs.

Parabéns aos quatro, pelo disco pela dedicação e pela coragem.

** Mundo Novo é uma coluna de Rodrigo Daca*

Superguidis - *Homônimo*

O terceiro disco homônimo da Superguidis prova que a banda amadureceu. Tem letras com temas mais adultos, som mais consistente embora a energia não seja mais como a do primeiro trabalho. Claro que a produção é superior. Mas será que isso é mesmo uma vantagem? Se for pensar de uma outra forma, o terceiro "Guidis" é só mais de roqueiro que chegou aos 30, até porque todos os ditos "elogios" descritos no início são comuns a qualquer banda que se aproxima da primeira década de carreira, quando os integrantes tem 20 e tantos anos nas costas. É uma fase da vida onde o ser humano (e falo de uma maneira global) se dá conta de que está envelhecendo e que vai morrer um dia. Daí parece que as pessoas piram quando a ficha da não eternidade cai no íntimo. Pois é amigo meu, seus cabelos e dentes vão cair, sua pele vai enrugar não importa quantas cirurgias plástica faça ou vitaminas tome. Resultado: versos como "as coisas quase sempre acabam/ o que dá pra fazer é esperar passar", ou "Um psiquiatra cairia bem/ não fosse o bom humor", e ainda, "De repente o medo de morrer sozinho me incomoda mais do que o usual". A Superguidis fez um disco normal, nem tão brilhante quanto o primeiro, mas de boa qualidade. Ressaltar alguma coisa além é bobagem.

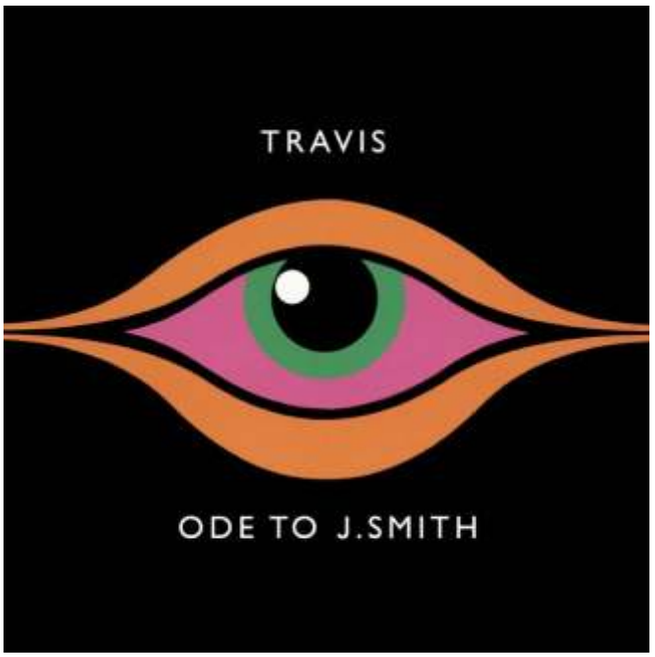
Pato Fu de brinquedo

O Pato Fu é uma banda que tem 18 anos de carreira e lança depois da Copa do Mundo, *Musica de Brinquedo*, o 10º disco. É um projeto de covers de clássicos da música pop internacional e nacional. Esse tipo de projeto é comum em grupos de longa carreira e, não raro, é visto como sinal de cansaço e fim de estrada. Mas o quinteto 4/5 mineiro e 1/5 paulista é conhecido por sua criatividade e encarou o desafio de fazer um disco inteiro usando instrumentos de brinquedo ou miniaturas. Talvez o único de proporções oficiais utilizado, mas com funções alternativas, foi o cavaquinho.

As primeiras músicas divulgadas foram *Primavera* e *Live And Let Die*: ambas com a participação de crianças nos vocais, entre elas, Nina. A filha de Fernanda e John mostrou com gritos e postura que está muito mais para Ulhoa do que para Takai. É interessante o contraste da "atitude punk" da menina com a voz adocicada da mãe. *Live And Let Die* se destaca em relação à outra canção: mais energética, vibrante e interessante. Mostra também que Xande Tamietti é mesmo um dos melhores bateristas do país. Ele consegue ser fantástico até na miniatura do instrumento.

Há algumas questões em relação a *Música de Brinquedo* apesar da idéia original e genial. É possível realizá-lo no palco? Como desvinculá-lo de um projeto infantil? Por sua natureza, não seria melhor classificá-lo como projeto especial em vez de colocá-lo da condição de disco de carreira? As respostas só virão com o lançamento, a repercussão midiática e o progresso da turnê. Até lá, é muito bom curtir esse tira-gosto da nova empreitada Fu. Veja o clipe de Live And Let Die no link: http://www.youtube.com/watch?v=Tnt5BNdLQf8

Travis - *Ode To J. Smith*



Por favor, fale com sinceridade: você consegue escutar dois discos de épocas diferentes dos escoceses da Travis em sequência e não ter a impressão de que é tudo uma coisa só? Penso que não há uma banda neste mundo que consiga fazer, disco após disco, melodias poderosas e refrões sobre corações partidos que grudam até na alma. O porém é que elas se repetem num ciclo. Essa é a impressão de *Ode To J. Smith*. É uma obra quase perfeita. Veja o exemplo de *Before You Were Young*: é emocionante quando Fran Healy quase desafina nos versos "*and IF you ever leave me come/ i Will be there waiting/ waiting for you know i Will/ i Love you*". É de derreter o coração! Mas o que faz esta ser diferente dos clássicos como *Sing*, *Writing to Reach You*, *Closer* e tantas outras? *Ode To J. Smith* é formidável, mas se você tiver algum outro anterior da discografia da Travis, saiba que não é preciso adquiri-lo.

Jean Mafra - *Rosebud*

Quando foi que o Jean Mafra começou a cantar tão bem? Ter a sua voz limpa de tantos efeitos eletrônicos característicos em projetos anteriores foi um avanço tremendo. Quer dizer, a distorção do vocal está presente aqui, mas a diferença é que Mafra deu uma chance ao próprio gogó. O EP *Resebud* surpreendeu de forma positiva pelo flerte com o lado mais pop da MPB e alguma coisa de Cazuza. A música que dá nome ao disco é linda. É a melhor, de longe, deste novo EP. O restante não é mal e dialoga com todo o conjunto da obra construída pelo Mafra.

Cartas à Julie-Marie - *Homônimo*

Alex escreve livros, é poeta e tinha a banda Noitibó junto com Andréa Amado, menina fera do design gráfico, diga-se de passagem. Eles fizeram um projeto que participa o Strauss, outro que participou de um monte de projetos desta galera que está longe do bairro da Lapa. Há alguns outros nomes que reconheço, mas não sei de onde exatamente. Os três citados, no entanto, são velhos conhecidos. Acompanho o trabalho dessa galera faz bons anos. Agora eles estão unidos no projeto *Cartas à Julie-Marie* e digo com toda segurança que este é, de longe, o melhor trabalho na área musical que eles fizeram. O conceito está no próprio nome do disco: são poemas musicados a personagem. A sonoridade é amarrada para ter climão francês de início do século 20. Quase é possível imaginar uma comitiva cigana circense cruzando Paris em carroças enquanto o perspicaz mestre de cerimônia escreve cartas a dançarina inteligente do bordel instalando na capital. E o ambiente que eles estão parece ter saído de um cenário de Tim Burton. Por alguma razão estranha, é essa a impressão que tenho sempre que escuto o disco. Alex é o principal compositor. Não acho que tenha crescido muito como cantor (às vezes acho que ele lembra um outro amigo meu e colaborador ocasional do Elebu, o Marcelo Mendes), mas como escritor e músico, a evolução é enorme. As idéias estão claras, você consegue ver progressão de sentimentos com o passar das faixas. É um belo trabalho, de verdade. Deu gosto de ver e ouvir. Vale a pena prestigiar essa galera.

Todas as resenhas foram escritas por Djenane Arraes

estação literária

Rúbia Cunha

Sabe quando você pega um livro e o compra por conta da recomendação de muitos? Eu tenho um pouco disso de vez em quando.

Para você que sempre me vê escrevendo sobre os filmes, vou dizer que também tenho compulsão por livros. É importante ressaltar que os compro aos montes e eles ficam enfeitando minha estante por anos até eu me sentir inspirada para lê-los, logo não sou a adorável imagem de devoradora de palavras.

Resolvi dar uma chance ao *Retrato de Dorian Gray*, que é visto como uma obra literária escrita por *Oscar Wilde*. A chance veio porque fiquei sabendo que, em um futuro obscuro, deverão lançar mais uma versão de filme inspirado no livro. Dorian será interpretado por Ben Barnes (o Caspian das *Crônicas de Nárnia*) e que apesar do trailer mostrar-se interessante as disparidades começam desde cedo.

O "charmoso" Dorian, com suas madeixas douradas e olhos azuis, foi trocado por alguém de cabelos e olhos escuros. O Barnes tem lá seu charme, mas ainda me pergunto por que tanta disparidade em uma característica que às vezes é tão importante nas personagens?

Voltando ao livro... ou eu estou ficando ranzinza ou eu tenho que rever os meus conceitos. Apesar de ser rico em seus detalhes, os monólogos prolongados que descrevem a reação das demais personagens, podem ser muito chatos e cansativos. Mas, como diria, o livro acaba mergulhando o leitor na cena de tão preciso que é em sua narração.

Tirando essa parte, continuei xingando Oscar Wilde até sua décima geração, pois a trama é arrastada por longas páginas baseadas no ego de Dorian que para mim não passa de um rapazote mimado, idolatrado e que brilhantemente foi corrompido por Lorde Henry. Tal lorde se tornou meu anti-herói favorito. Seus discursos salpicados de sarcasmo e ironia, de pessimismo e simplicidade em ver a vida do jeito que ela é, tornam-o tão apaixonante ao ponto de me ter feito esquecer que o foco deveria ser Dorian Gray. Wilde deveria ter chamado o livro em algo piegas como "Convivendo com Lorde Henry".

Então vem a grande pergunta *spoiler*: — E o tal retrato que dizem mudar de aparência enquanto Dorian se mantém jovem? Hum... Revendo minhas anotações aqui, devo dizer que "há pecados cuja recordação fascina mais do que o ato de praticá-los".*

Sério. O tal retrato tão falado, demora demais para mostrar suas mudanças. Só começou a mostrar seu lado sádico e impiedoso quando eu estava quase desistindo do livro depois de enrolar mais de um ano para chegar à dita parte e tudo acontece tão rápido e tão... Sensação de que é só isso que tinha para mostrar, que continuo xingando a obra literária, dizendo que só não gastei dinheiro à toa por conta do Lorde Henry.

*O Retrato de Dorian Gray; Wilde, Oscar – Capítulo XIV – pág. 135 – Editora Martin Claret

perdão e salvação

Craig Thompson acredita em Deus. A religiosidade é parte importante na vida do quadrinista estadunidense. Pudera: nasceu numa família batista pobre, frequentou uma escola cristã (entendida como evangélica no Brasil) e até chegou a pensar em ser pastor. Mas existiam algumas coisas que o impedia em continuar no caminho da fé. Uma delas era a paixão pelas HQs – ah, sempre essa arte diabólica – e outra foi o despertar do primeiro amor. Craig conta essa história autobiográfica em *Blankets* (Top Shell Productions, 2003), livro que valeu uma série de prêmios, entre eles os Eisner de melhor graphic novel e de melhor escritor. Uma pena que *Blankets* demorou a chegar ao mercado brasileiro: a Cia de Quadrinhos o lançou a edição em português ano passado.

Há dois paralelos narrativos intercalados por Craig no livro. O primeiro fala da infância, onde foca a relação com o irmão mais novo, Phil. O segundo aborda a adolescência e o amor nele desperto por Raina, uma menina adorável, loirinha, porém com traços de amadurecimento precoce. Craig a conheceu num acampamento cristão de inverno em meio à companhia de tipos rejeitados pelo grupo mais forte, bonito, saudável e rico – os clichês da fauna adolescente são constantes, independentemente da religião. Craig era incomodado e descartado por ser magricela e pobre. Raina, por sua vez, era quem se poupava da companhia dos insensíveis. Os dois se aproximaram, ficaram amigos, enamorados e tiveram de se separar ao fim do acampamento. Como moravam em cidades distintas, mantiveram contato por cartas.

Raina é uma figura de libertação na vida de Craig. Antes da menina entrar na história, o quadrinista tinha convicção de que seria um homem da fé. Um trauma de infância teve forte peso na decisão. Phil e ele, quando pequenos, costumavam dividir não só o quarto, mas também a cama (de casal): uma condição imposta pelos pais. Era conveniente para os garotos ficarem juntos nas noites congelantes de inverno numa casa onde o aquecedor não funcionava direito. Eles sobreviviam ao inverno e a ignorância dos pais com muita imaginação. E como se divertiam na adversidade.

Craig, como bom irmão mais velho, sentia a responsabilidade de proteger Phil, mas a ignorância faz o mundo ser um lugar perigoso. Um dia, os pais deixaram um adolescente como "babá", e este tirou proveito da fragilidade dos pequenos. Craig foi sexualmente assaltado e nada fez ao saber que Phil sofreria o mesmo. O ato ganhou dimensões a ponto do jovem escritor se sentir mortificado por causa uma ereção, seguida da vontade de tocar a si mesmo. É neste ponto que Raina foi essencial. Para alguém que estava disposto a seguir o celibato pelas razões erradas, a salvação estava numa menina nem tão religiosa. O caos encontra meios que a fé desconhece, já dizia o popular.

Blankets é o tipo da HQ que encontra aprovação imediata do público feminino. E sim, prepare o lenço de papel se estiver num dia sensível. Mas se engana quem pensa que esta é uma história "de mulherzinha". Não é. *Blankets* é um livro de voz masculina poderosa e impressionante. O texto forte, mas de narrativa sensível, ganha dimensões maiores com o traço limpo, ainda que riquíssimo em detalhes, de Craig. *Blankets* é considerada uma das dez HQs mais importantes da primeira década deste século. Pudera: um trabalho estonteante como este só pode ser coisa de deus. [*D.A*]

R.I.P you all

Este texto tem dezenas de spoilers sobre Lost e outras séries. Preciso explicar mais?

Um dos finais mais aguardados antes de toda a comoção em cima de Lost foi o de Arquivo X. Após nove temporadas, sendo as últimas três arrastadas pelo desgaste natural do formato, milhões de fãs – 13,2 para ser mais exato – grudaram os olhos na tela a fim de saber a resposta de todos os mistérios investigado pelos agentes do FBI Fox Mulder e Dana Scully. O drama com o governo, as conspirações e tudo mais aconteceram por conta de uma data que marcaria a invasão extraterrestre. Daí, formou-se um sindicato de pessoas influentes que ajudariam nesta agressão a troco de sobreviverem. Esse foi o ponto central. Outros enigmas e bizarrices foram meros entretenimentos. A resposta derradeira oferecida por Chris Carter pode não ter agradado a todos, mas foi coerente com a mitologia.

Em maio de 2010 foi a vez do final de Lost, assistido por 13,5 milhões – 1,5 milhões de download via Torrent em apenas 24h. A multidão estava sedenta por respostas. Era de conhecimento geral que nem todos os mistérios seriam solucionados, mas havia sim a expectativa para um fechamento plausível de uma série de TV classificada como ficção científica. Fim do episódio e veio a quase previsível avalanche de críticas. Lost não era ficção científica cheia de teorias como looping temporal, realidades paralelas e tudo mais. O fim revelou que a trama era sobre o embate da fé com a razão que tinha elementos muito complicados.

Subentende-se que a vida na ilha foi real. Os personagens sobreviveram a acidentes aéreos e pagaram seus pecados em um lugar governado por um igualmente perdido Jacob. A realidade paralela mostrada a partir da explosão da bomba no final da quinta temporada é que nunca existiu. Aquilo era uma espécie de lugar de espera quando as pessoas morrem e tem uma existência menos imperfeita de suas vidas anteriores até estarem aptos a ir para uma nova esfera, lugar ou existência. Uma teoria que nenhuma religião explica, ao meu ver, mas não deixa de ser válida.

O último capítulo, *The End*, foi mais ou menos como o final de uma novela das 21h: elenco reunido, festa e celebração em meio de um desfecho feliz para um produto de narrativa confusa, mas que todo mundo comenta e gosta. As respostas mais complexas, que pediam o auxílio da ciência, as teorias físicas, a trama por trás dos dramas individuais... tudo isso foi resumido numa simplicidade preguiçosa: era uma história de redenção coletiva e todo resto era mero engordo.

Mas, diferente de Arquivo X nos dias de episódios sobre vampiros, o "engordo", o "entretenimento", o mistério da iniciativa Dharma, e a própria ilha tomaram o primeiro plano de Lost. Os produtores, quando não ignoraram os porquês, deram soluções simplistas. Os números malditos, por exemplo, eram apenas uma fixação do perdido Jacob que acabou virando uma sequência vitoriosa do bilhete de loteria de Hurley. Foi quase como ter chamado o público de idiota. Não era ciência! Era misticismo puro e simples!

Por conseqüência, o lado espiritual foi melhor resolvido. Logo no segundo episódio, John Locke apresenta o gamão ao menino Walt. Não apenas isso: a dualidade não entre o bem e o mal, mas entre a fé e a razão. Primeiro no embate entre Jack e Locke. Depois na figura do próprio Jacob com o irmão gêmeo, o Homem de Preto. A fé ganhou. Como desfecho apenas da sexta temporada, *The End* foi um episódio quase perfeito: boa produção, emotivo e amoroso suficiente para levar qualquer um às lágrimas.

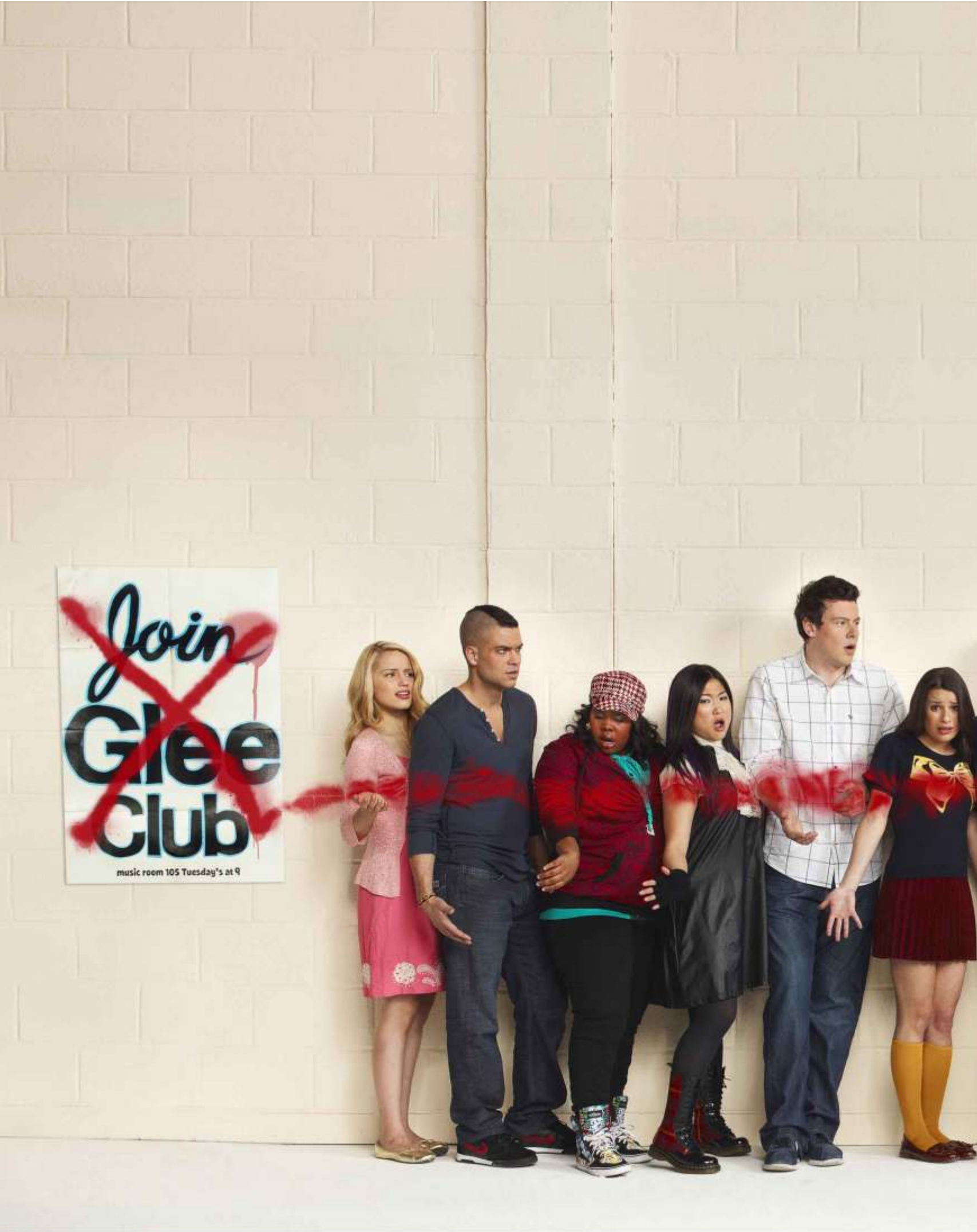
Interessante é que os produtores usaram elementos da mitologia de várias religiões, expressadas na sala da igreja onde aconteceria o funeral do pai do Jack. Contudo, a situação montada de forma que a forma não se encaixasse exatamente em qualquer uma delas. É como se Lost tivesse buscado a própria verdade, uma que fosse falha em lógica e razão (elementos imperfeitos para a mitologia em questão), mas que fosse rica em sentido metafórico.

Jack ficou com Kate

No campo romântico, Lost não quebrou clichês. Os pares ou casais, importante configuração para os "shippers" – fãs que dão maior importância ao relacionamento amoroso entre os personagens do que a trama central em si (tipo dominante entre os escritores de fanfiction) – foram firmados ainda na primeira temporada e assim terminaram. Charlie ficou com Clarie, Desmond seguiu a eternidade com Penny, Sayid e Shannon, Rose e Bernard, Jin e Sun, Hurley e Libby... os solitários permaneceram solitários, embora felizes.

Nem mesmo o desfecho do quadrilátero amoroso desenvolvido ao longo do tempo por Juliet, Kate, Jack e James seguiu sem surpresas. Jack e Kate estabeleceram seus laços ainda no episódio piloto em uma cena metafórica: ela costurou a ferida dele. Juliet e James se uniram mais ou menos como os dois rejeitados pelo casal principal que encontrou conforto e amor verdadeiro nos braços um do outro.

As situações vividas por cada par até encontrarem o momento feliz seguiu com fidelidade a linha de raciocínio do seriado: por mais complicada que as coisas possam ser, a solução é simples e trivial. Pode ser uma verdade, mas no caso de Lost, não colou e ficou caracterizado como preguiça. [*D.A*]


Join
Glee
Club
music room 105 Tuesday's at 9

por dentro de glee

por Djenane Arraes

O seriado Glee é um fenômeno incontestável. Os discos do seriado foram as primeiras trilhas a superarem os produtos Disney em anos; a liderança dos singles de cada episódio no iTunes virou rotina semanal; é a primeira série de temática teen a ter mais de 10 milhões de média em audiência nos Estados Unidos e a terceira temporada foi garantida antes mesmo do término da primeira.

Passa-se a impressão de que Glee só pode ser algo revolucionário na televisão mundial para justificar tanto barulho. Bem longe disso. O formato é uma apropriação dos velhos musicais da Broadway, do cinema e até da própria Disney. As músicas são karaokês deslavados inseridos em roteiros por vezes preguiçosos.

A maior ousadia fica por conta das lições de moral de lógica oposta em um país impregnado de conservadorismo: está tudo bem se você é gay, judeu, gótico, jogador ou usar métodos sujos para conseguir atingir um bem maior. É tudo que deixa a poderosa Disney de cabelos em pé. Mas essa característica, por si só, não é o suficiente para justificar o fenômeno.

Para entender o sucesso de Glee é preciso, primeiro, entender Ryan Murphy, produtor da série e roteirista principal. É dele os seriados Nip/Tuck e a hoje cult Popular, o que mostra sua inclinação para a polêmica e o politicamente incorreto. É de conhecimento público a homossexualidade de Murphy, mas a sua religiosidade nem tanto. Apesar de não ser aceito na igreja por sua sexualidade, é um católico fervoroso. Cria-se aí uma figura contraditória que, ao mesmo tempo, está cheia embates sociais e comportamentais a respeito de assuntos corriqueiros, assim como a maioria da população.

São esses conflitos inseridos de várias formas nos personagens de Glee. Aí está a primeira razão real do sucesso. Quem são os garotos do coral da escola? Os perdedores em conflito. A figura central é Rachel Berry: uma diva com voz de anjo e beleza exótica, tem ambição (quase egoística) de ser uma estrela da Broadway. É irritante uma boa parte do tempo, mas que carrega candura e inocência surpreendentes. Pode-se dizer Lea Michele – a atriz – é tudo que Rachel gostaria de ser. Lea estreou na Broadway ainda criança e em peças expressivas como *Les Miserábles* e *Ragtime*, foi nomeada a premiações antes dos 20 e, aos 23 anos, entrou na expressiva lista das cem pessoas mais influentes segundo a revista Times.

Personagens x atores

Diferente de séries, como Heroes, que procuram usar da transmídia como recurso primeiro e nem sempre consegue resultados positivos, Glee optou por confundir a ficção com os bastidores. As relações entre os atores na vida real influem diretamente na trama, e isso é um recurso genial explorado por Murphy, sobretudo em tempos de culto a celebridade. O desejo de Rachel em ser a sua própria intérprete é só um exemplo. Há outros.

As atrizes Naya Rivera e Heather Morris foram contratadas para serem personagens secundários: as líderes de torcida que acompanhavam a protagonista Quinn Fabray (Dianna Agron). As duas coadjuvantes tornaram-se amigas próximas na vida real e sempre ficavam juntas no fundo da cena: ou brincando uma com a outra ou trocando carinhos. A atitude espontânea chamou atenção do público e, por causa disso, Murphy decidiu que elas seriam um casal não-declarado ao mesmo tempo sacramentado numa cena do 13º episódio. Nela, Santana Lopez (Naya) diz: “Sexo não é namoro”. E Brittany (Morris) complementa: “Se fosse, Santana e eu estaríamos namorando”.

Entre todos os casais, Brittana (Brittany +

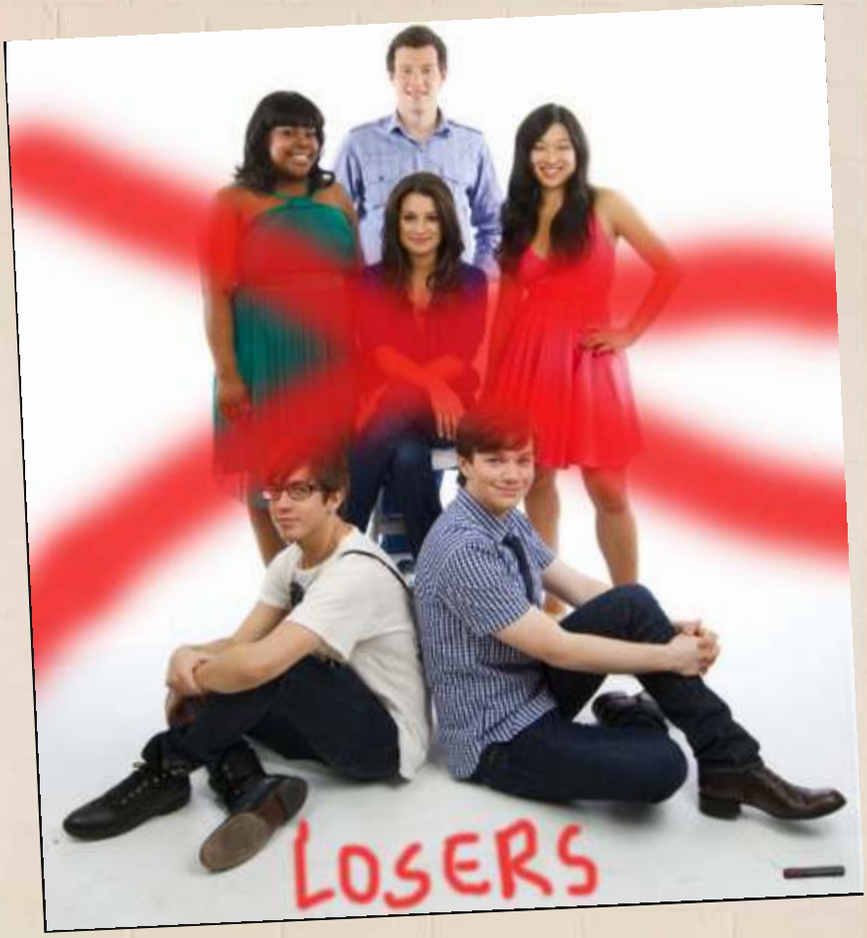
Santana) se tornou um dos mais populares e as atrizes (que ganharam mais tempo de tela) vão entrar pro quadro de elenco regular a partir da segunda temporada. É o que mais se comporta como um, apesar dos diferentes parceiros sexuais que elas têm. Não se pode deixar de mencionar que Brittany se transformou na personagem "one line" mais comentada da mídia americana na atualidade. É dela que saem pérolas como: "Você sabia que golfinhos são tubarões gays?", ou mesmo, "tenho quase certeza que o meu gato está lendo o meu diário".

A ascensão da Santana também está relacionada com a rebeldia da atriz Dianna Agron. A princípio, Quinn deveria ser o braço direito da técnica das líderes de torcida Sue Sylvester (interpretada pela excelente Jane Lynch). Mas a personalidade doce de Agron influiu de forma significativa na personagem, para desagrado de Murphy. Aquela que deveria ser a "rainha do gelo", ganhou indesejada humanidade. Agron não recuou no seu estilo de interpretação, o que provocou um processo para readequar Quinn à trama.

Murphy ainda achava necessário ter alguém que pudesse faze o papel do "diabo". Naya não teve problemas em assumir o posto e fez com que Santana se transformasse na perfeita "bitch de sangue latino". Quinn perdeu espaço e importância a partir da segunda metade da temporada, mas estava livre para manifestar a candura natural de sua intérprete. Virou uma grávida ferida, confusa, mas muito digna.

Politicamente incorreto

Madonna é fã de Glee. A rainha do pop ganhou episódio-tributo cujas canções bateram recordes no iTunes. Lady Gaga também diz adorar a série, assim como quase todo mundo



artístico. Menos Miley Cyrus. A filha do cantor country Billy Ray Cyrus disse, na revista Rolling Stone, que odeia musicais e não veria Glee. É verdade que a Hannah Montana da TV não serve como parâmetro por falar mal até de si própria. Mas, neste caso, a declaração é justificada depois que Miley recebeu uma homenagem (?): Lea Michele cantou o hit *The Climb* o mais desafinado que pôde.

Desde a primeira metade da temporada, Murphy havia estabelecido que o show televisivo era uma oposição ao pensamento Disney conservador e, ao mesmo tempo, uma homenagem a tradição Broadway – lugar onde saiu metade do elenco principal, secundário e convidado. O desafino de Lea foi menos uma afronta a Miley e mais uma afirmação provocativa. Daí o por que da apropriação de musicais, de ícones controversos do pop e da reabilitação de clássicos obscurecidos, como *Pink Houses*, de John Mellencamp.

o enredo

A trama central de Glee é de complexidade compreensível para uma criança de cinco anos. Will Schuester, professor de Espanhol, assume a direção do coral da escola, rebatizado de New Directions, e reune um time de perdedores cuja principal cantora é Rachel Berry: a menina com complexo de diva que tem dois pais gays. Apesar de não serem tão amigos entre si, os integrantes do coral tem boa química e começam a fazer sucesso – o que não significa que passem a ter algum respeito na escola e continuam a ser vistos como perdedores. O êxodo do coral da escola é visto como uma ameaça a Sue Sylvester, a técnica mega-vencedora das líderes de torcida, que teme dividir o sucesso da esquadra com os cantores. Além disso, Sue odeia o cabelo enrolado de Will e acha que ele cheira a mediocridade.

new directions

Rachel Berry – a garota mais talentosa do coral e tem complexo de diva. Envolveu-se com Finn, Puck e Jesse, o líder do coral adversário. É judia e tem dois pais gays.

Finn Hudson –joga futebol americano na escola. Principal voz masculina do coral. É inseguro, mas tem um bom coração.

Mercedes Jones – de voz poderosa, a diva negra tem uma amizade inusitada com Quinn, a ponto das duas passarem a morar juntas.

Quinn Fabray – era a capitã das líderes de torcida e presidente do clube de celibato até engravidar de Puck.

Kurt Hummer – tem uma voz única, capaz de alcançar notas tão altas quanto Rachel. É apaixonado por Finn.

Noah Puckerman – joga futebol americano e é mulherengo. Engravidou Quinn quando ela estava bêbada. É judeu.

Santana Lopez – mesquinha e briguenta, costuma usar o sexo como arma. É implícito que ela namora Brittany.

Brittany – o sobrenome dela é desconhecido. Não se destaca pela inteligência. Apesar de seguir a liderança da "melhor amiga" Santana, é doce. É a melhor dançarina do grupo.

Tina Cohen-Chang – é a asiática gótica do grupo. Prefere cantar para a equipe. Namora Artie.

Artie Abrams – um guitarrista excelente e tem a voz masculina mais expressiva do coral. É paraplégico.

Mike Chang – conhecido como "other asian". É o melhor dançarino.

Matt Rutherford – é do time de futebol americano.

Will Schuester – técnico do coral. É amigo de seus alunos e faz alguns sacrifícios por eles.

Existem algumas afrontas ao público, como se tivessem sido planejadas para testar até onde é possível instigar a audiência mais conservadora do próprio Glee. Rachel faz um dueto com a mãe cantando *Poker Face*, de Lady Gaga: uma letra cheia de joguetes sexuais. Ao passo que em *Bad Romance*, com as garotas do elenco, a palavra “bitch” foi cortada. Quinn fez uma performance surpreendente de *It's a Man's Man's World*, de James Brown, ao lado de bailarinas grávidas. Criou-se uma chiadeira generalizada por causa do número supostamente ofensivo.

Até mesmo o não sair do armário da relação entre Santana e Brittany é usado como provocação. Murphy afirmou que o público não veria nada explicito, como beijo na boca, entre o casal de líderes de torcida porque “Glee era um programa para a família que passa num horário onde crianças podem ver”. Na semana seguinte a declaração, foi ao ar o episódio em homenagem a Madonna com direito a um número altamente sensual de *Like a Virgin*.

Também existe o fato bizarro que todas as músicas sobre ódio são cantadas com entusiasmo particular. Foi assim que Lea Michele fez com que a fraquinha *Gives You Hell*, de All American-rejects, se tornasse antológica.

Pontos fracos

Não foi apenas a boa audiência que garantiu a terceira temporada de Glee antes mesmo da primeira terminar. Ao longo dos episódios, o formato mostrou ser sólido suficiente. Mas garantir os números vai depender mais do que bons números musicais, piadas e provocações. O calcanhar de Aquiles de Murphy e a equipe de roteiristas está na inconstância das histórias. Se numa semana é transmitido um episódio clássico (como Bad Reputation), vem em seguida uma bizarra montagem de acontecimentos ou apressados ou forçados ou mal-resolvidos.

Foi o caso da mãe de Rachel. O que seria um tremendo plot envolvendo a protagonista, foi compactado em dois episódios. É bom explicar antes que Rachel é filha de um casal gay. Eles contrataram uma barriga de aluguel, que também foi a doadora do óvulo, para ter uma filha. Em *Dream On*, o publico toma conhecimento do desejo de Rachel em conhecer a mãe e mal sabia ela que a pessoa em questão era a técnica do coral da escola adversária. A mulher, desejosa em conhecer a

glee hits

Cindy Lauper – *True Colors*
Journey – *Don't Stop Believin*
Barbra Streisand – *Don't Rain On My Parede*
Madonna – *Like a Prayer*
Lady Gaga – *Bad Romance*
Kelly Clarkson – *My Life Will Suck Without You*
Queen – *Somebody to Love*
Neil Diamond – *Sweet Caroline*
The Rolling Stones – *You Can't Always Get What You Want*
Beck – *Loser*
Beyoncé/Katrina And The Waves – *Halo/Walking On Sunshine*

filha, armou um plano para que Rachel se aproximasse dela usando um dos seus comandados, Jesse. A armação dá certo.

No episódio seguinte, *Treatricality*, Rachel aborda a mãe, que "subitamente" descobre que a filha é quase uma adulta, quando, na verdade, desejava mesmo era o bebê. Tanto drama para no final a mãe dizer para Rachel que a relação delas vai ficar "na mesma". Elas se "despedem" num dueto estranho em sua intenção, porém muito bem cantado, de *Poket Face*. Fim. Pelo menos essa teve uma conclusão, mesmo que triste. Mas há várias histórias ao longo da temporada de Glee que foram simplesmente esquecidas.

A bi-dimensionalidade da maioria dos personagens é outro problema a ser resolvido. Eles são muitos e o mal aproveitamento de alguns é quase inevitável. Rachel e Kurt Hummel (Chris Colfer) são os de maior complexidade. Quinn, Will Schuester (Matthew Morrison) e Sue Sylvester (por causa da grande intérprete que lhe empresta o rosto) também são tridimensionais. O resto ainda flutua no estereótipo.

Talvez o maior problema quanto ao desenvolvimento de personagem atenda pelo nome de Cory Monteith, que interpreta Finn Hudson: no Troféu Cigano Igor, ele leva o prêmio Murilo Benício de melhor ator canastrão. Também é o cantor mais fraco do elenco, mas, por algo que a lógica desconhece, recebe o maior número de canções. Monteith se garante quando se apóia no talento dos colegas. Sozinho, costuma irritar e destruir clássicos.

Ryan Murphy é tido como um escritor inteligente. Será ainda mais quando souber deixar certas soluções fáceis de lado e começar a priorizar a construção de um enredo sólido. Embora Glee seja uma delícia de assistir por suas canções, pela comédia e desafios, as críticas da segunda metade da primeira temporada foram uma grande lição de que investir na qualidade do enredo e no desenvolvimento dos personagens é o melhor caminho.

o brasil e a copa

Rúbia Cunha

Vamos fugir mais uma vez dos filmes e falar de algo que também acaba sendo *trash*... a Copa do Mundo.

Nem adianta vir com os olhos brilhando achando que sou uma fanática por futebol, esportes ou qualquer coisa que o Brasil se envolva. Tá... Minto. Até que curto ver a Fórmula 1, mas também não sou fã de carteirinha para saber todas as explicações de pontuações, desempenho das equipes, pistas e voltando ao futebol que é a febre da hora, venho mostrar porque a Copa do Mundo é um momento *trash*.

O Brasil passa por uma série de complicações, onde as pessoas costumam falar mal do próprio país, xingam a política, saúde e educação. Ironizam as escolhas feitas pelos eleitores, consumidores, vendedores. Mostram desgosto pelas artes brasileiras. Dão pouca importância para a morte de pessoas que eram ícones merecidos de serem seguidos e se unem esquecendo as diferenças dos times brasileiros quando o assunto se trata do mundial de futebol.

Oras, é claro que o brasileiro curte a Copa. Mas seria por amor ao país ou pelas folgas que conseguem na hora do jogo; pelos momentos em que podem gritar e xingar sem serem reprimidos; ou quem sabe pelo fato de que podem buzinar de forma ensandecida; talvez seja pelo fato de beber até que a ressaca o lembre de que o dia anterior não era um fim de semana. Quem sabe?

Os brasileiros são capazes de fazer uma poupança por quatro anos, só para poderem ir para este evento que dizem ser memorável. Onde mundos e fundos são movimentados para construção de estádios que geram empregos temporários e... E depois? O que acontece com o depois? Aqueles monumentos ficarão lá, como belos cartões postais se degradando com o passar do tempo, enquanto metade do dinheiro utilizado poderia ter resolvido tantos problemas existentes em um país como a África.

Mas esqueçamos disso, pois tudo é festa, o que vale à pena é ver a bola rolar, mandar o locutor calar a boca, sentir o grito de gol entalado na garganta quando os jogadores falham e culpam uma simples bola de ser amaldiçoada. É ter o coração aos pulos ao gritar para a tela, achando que os jogadores, o técnico e o goleiro escutarão; gritar despautérios quando o juiz e os bandeirinhas tornam-se cegos ou loucos de tabela ao marcarem faltas inexistentes; quebrar a cabeça calculando gols marcados, perdidos, saldo de gols e pontos que cada país tem; participar de promoções e mais promoções para ganhar produtos que trarão lembranças do mundial. É ficar na esperança de ver o Brasil chegar ao hexa-campeonato, mas e se ele não chegar?

Então a Copa se torna o momento de culpar o técnico da seleção brasileira; os jogadores que não sabiam o que faziam; a bola que não facilitou nada; chorar por mais quatro anos sem o hexa; amaldiçoar o time que eliminou o Brasil e finalmente voltar à vidinha de times separados e das disputas acirradas das estaduais, regionais, nacionais e todas possíveis que o país inventa.

O que mais você poderia esperar?

No final das contas, também curto esse momento, mas para mim a Copa não termina quando o Brasil está fora de campo. Ela continua com seus momentos hilários, de “frangos”, faltas, e gols memoráveis. Dos chineses que reclamam da narração de Liu Jianhong. Da indignação de Maradona com Platini e Pelé.

Vivamos esse momento!

ORDEM E PROGRESSO
ALÔÔÔ...
...IRECÊ!!!
COLÔ
JACK
AULY